

## PSICANÁLISE E SAÚDE PÚBLICA: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES

Fernanda Cesa Ferreira da Silva; Róger de Souza Michels; Mônica Medeiros Kother Macedo<sup>1</sup>

**Resumo:** A Psicanálise, enquanto teoria e técnica, inaugura-se a partir do exercício clínico de Freud na escuta do padecimento histérico. Paulatinamente, a Psicanálise amplia seus saberes, sempre amparada nos impasses oriundos da clínica. Contemporaneamente, ao mesmo tempo em que se desenvolve no espaço da clínica privada, surgem novos espaços passíveis de uma inserção psicanalítica. Assim, no Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS), em contínua expansão, configura-se como uma importante possibilidade de trabalho ao psicanalista. O presente estudo objetivou investigar as modalidades de inserção e intervenção da Psicanálise no contexto da Saúde Pública, no campo da saúde mental. Foram entrevistados 10 psicanalistas com atuação mínima de dois anos na saúde pública. As entrevistas, após transcritas, foram exploradas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1979). Constatou-se que a Psicanálise tem muito a oferecer na esfera da saúde pública, uma vez que os espaços coletivos mostram-se um terreno clínico cujas demandas aludem à necessária escuta do sujeito de Inconsciente. Da mesma forma, identificaram-se desafios relativos ao encontro com outros saberes da Saúde Pública. Desse encontro, emergem entraves, mas, também, a possibilidade de criar, por meio do diálogo e do exercício da interdisciplinaridade, novas formas de intervenção sem perder o rigor e a especificidade da Psicanálise.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Saúde Pública; Psicanálise em Extensão.

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud no limiar dos séculos XIX e XX, tem, desde seu começo, o propósito de se ocupar e compreender a singularidade de todas as expressões humanas. Tendo iniciado a partir da escuta clínica da histeria, a criação freudiana encontra nos sonhos, definidos como via régia de acesso ao Inconsciente, a confirmação de sua potencialidade como disciplina que permite a compreensão aprofundada da condição humana (DOCKHORN; MACEDO, 2008), indo, assim, além do campo da psicopatologia.

O caráter de ampliação dessa singular disciplina ganha mais solidez e consistência na medida em que o conhecimento psicanalítico se expande e se revigora no enfrentamento dos desafios que lhe são impostos. Um desses desafios diz respeito a problematizar os campos de intervenção possíveis à Psicanálise. Logo, é fundamental a reflexão a respeito dos recursos teóricos e técnicos cunhados pela Psicanálise e que podem atender a uma diversidade de situações próprias ao humano. Essa reflexão deve estar sustentada na especificidade dos elementos que definem a Psicanálise como teoria, método e técnica, e que têm no sujeito de Inconsciente seu principal objeto de investigação. É inquestionável, portanto, que esse sujeito e suas produções estão em todos os lugares nos quais o humano marque presença.

Nessa direção, Figueiredo (2009) constata que, desde os tempos de sua invenção, a Psicanálise ampliou seus locais de atuação para além da clínica padrão, destacando que seus desafios atuais proliferam a partir de variáveis macro-sociais. Sendo assim, segundo o autor, muitas vezes o psicanalista é chamado a exercer a Psicanálise fora dos enquadres tradicionais para os quais foi formado.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia; Bolsista de Iniciação Científica BPA/PUCRS e Professora Coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGP/PUCRS). Contatos: fecesa@terra.com.br, rogermichels@hotmail.com; monicakm@puers.br

Em função disso, Poli (2008) evidencia que, além da questão da pesquisa, a instituição psicanalítica tem hoje o desafio da construção de espaços que propiciem o exercício do que denomina de *Psicanálise em extensão*. A autora exemplifica o termo referindo-se à atuação efetiva de psicanalistas em organizações públicas (saúde, assistência, educação e cultura) e privadas (assessorias/consultorias), práticas essas que se mostram cada vez mais comuns. Por *Psicanálise em extensão*, Lacan (2003) conceitua aquilo que resume como “a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo” (p. 261).

Tendo em vista o conjunto de complexidades inerentes ao encontro interdisciplinar, o presente estudo objetivou investigar as modalidades de inserção e intervenção da Psicanálise no contexto da Saúde Pública, no campo da saúde mental. Para isso, foram entrevistados 10 psicanalistas com experiência de, no mínimo, 2 anos em Saúde Pública, escolhidos pela técnica “Bola de Neve” (TURATO, 2003), na qual um participante indica outros sucessivamente. Cada entrevista foi conduzida a partir das temáticas que originaram os objetivos do presente estudo: (a) a prática da Psicanálise no contexto da Saúde Pública, no campo da saúde mental; (b) as possibilidades de atuação e de contribuição da Psicanálise no contexto da Saúde Pública, no campo da saúde mental; (c) os desafios e os entraves identificados na atuação da Psicanálise na Saúde Pública, no campo da saúde mental; (d) os elementos teórico-técnicos da Psicanálise que contribuem para a efetiva atenção à saúde mental; (e) as perspectivas futuras quanto ao fazer da Psicanálise no contexto da Saúde Pública, no campo da saúde mental. Os dados obtidos das transcrições das entrevistas foram analisados e discutidos por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1979), na proposta de Moraes (1999). Esse divide o processo de análise em cinco etapas, quais sejam: a preparação das informações; a unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; a categorização ou classificação do conteúdo em unidades; a descrição e a interpretação.

Neste momento, o estudo encontra-se em processo de categorização, tendo sido já construídas as seguintes categorias: Potencialidades das ferramentas teórico-técnicas da disciplina psicanalítica para o trabalho na Saúde Pública; Complexidades e tensionamentos no exercício da clínica psicanalítica no âmbito público; Necessidade de movimentos que promovam abertura e flexibilização por parte dos psicanalistas em prol da efetiva prática da Psicanálise extramuros; Referência à equipe como um balizador para o trabalho psicanalítico na Saúde Pública; A concepção de ética em Psicanálise enlaçada com a concepção de um discurso poroso permite o trabalho em equipe; Diferenças significativas nas concepções de diagnóstico e de psicopatologia no campo interdisciplinar da saúde mental; Efeitos da Psicanálise como uma técnica não prescritiva no cenário da Saúde Pública; Saúde Pública como um profícuo terreno para a Psicanálise; Desafios e motivações para o trabalho na Saúde Pública.

As categorias construídas até o momento indicam que os participantes da pesquisa demonstraram, unanimemente, a pertinência da interlocução entre Psicanálise e saúde pública. Nessa direção, Campos (2012) destaca alguns aspectos a serem considerados a partir dos aportes psicanalíticos no cotidiano da atenção à saúde, tais como: a dificuldade ou, até mesmo, a impossibilidade de levar em conta a dimensão subjetiva tanto do usuário como do profissional de saúde; a urgência de qualificar a formação dos profissionais de saúde, tendo em vista as dificuldades enfrentadas não apenas no atendimento prestado ao portador de sofrimento psíquico, mas, também, àquele que busca outras formas de cuidado; a desconsideração da relevância da clínica, a qual, por vezes, é relegada a um segundo plano em detrimento de tantos imperativos existentes nas demandas da saúde pública, entre outros fatores. A autora constata que, para a Saúde Coletiva, “o sujeito pode ser histórico, social e até coletivo, mas não há referência a alguma estruturação que não seja racional. Nada de inconsciente!” (CAMPOS, 2012, p. 12-13). Dessa forma, torna-se fundamental explicitar a relevância dos aportes psicanalíticos para a qualificação das ações em Saúde Pública.

Ao mesmo tempo em que os entrevistados indicam a Saúde Pública como proflícuo terreno ao exercício da clínica psicanalítica, destacam os desafios relativos a essa prática. Apesar de se inserir na esfera pública, o profissional pode, muitas vezes, sentir-se “menos” psicanalista do que na clínica clássica, a cujas demandas encontra-se mais habituado a trabalhar. Assim, constata-se certa perda de elementos identificatórios como profissional, devido às heterogêneas e imperiosas demandas da saúde pública. A especificidade de demandas nesse campo exige a criação de novos meios de acesso ao sofrimento psíquico e intervenção neste, sem perder de vista o rigor e a especificidade da escuta psicanalítica. Destacam-se, ainda, como achados do estudo, o quanto o reconhecimento de diferenças inerentes à equipe multiprofissional pode fomentar a complexidade da atuação de um psicanalista no serviço, e, simultaneamente, aportar sua *expertise* em uma forma de atuar clinicamente frente às demandas do SUS, alinhado à ética da Psicanálise.

Nesse sentido, conclui-se que, apesar de a Saúde Pública constituir um espaço passível de exercício clínico da Psicanálise, não basta a mera transposição do saber clínico, havendo a necessidade de recriar continuamente a prática. O enfrentamento desses desafios e o exercício criativo da clínica fazem-se necessários devido às especificidades das demandas próprias do SUS que se contrapõem, muitas vezes, àquilo que o psicanalista está habituado em sua clínica particular. Apesar de se constituir um desafio ao psicanalista, o repensar e o recriar a clínica são possíveis uma vez que a Psicanálise é produto da “teorização de uma prática” (KUPERMANN, 2008). Os impasses da clínica, portanto, reformulam a teoria e, por conseguinte, a teoria oferece sentido e redireciona a prática. Considera-se, desse modo, que, o movimento infundável de problematização diante de desafios, reafirma o caráter de abertura teórico-prático da Psicanálise e sustenta o argumento e a validade de pensá-la inserida, devido sua relevante contribuição, em espaços para além da clínica privada.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- DOCKHORN, Carolina Neumann de Barros Falcão; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. **Revista Argumento Psicologia**. Curitiba, v. 26, n. 54, p. 217-224, 2008. Disponível em: <[www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=2496&dd99=pdf](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=2496&dd99=pdf)> Acesso em: 01 nov. 2015
- CAMPOS, Rosana Onocko. (2012) **Psicanálise & Saúde Coletiva: interfaces**. São Paulo: Hucitec.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio. **A Psicanálise e a clínica contemporânea. Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**. 2009 Disponível em: [www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php](http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php)
- KUPERMANN, Daniel. **Presença Sensível**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.
- MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Educação**. v. 22, n. 37, 7-32, 1999.
- POLI, Maria Cristina. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. **Estilos da Clínica**, v. 13, n. 25, 2008
- TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003